

## A/R/TOGRAFANDO ENTRE ARTE, VIDA E EDUCAÇÃO

JORDANA BELEM RODRIGUES<sup>1</sup>; MARCO AURÉLIO CRUZ SOUZA<sup>2</sup>; ÚRSULA ROSA DA SILVA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – jordanabelem90@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – marcoaurelio.souzamarco@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – ursularsilva@gmail.com*

Esta escrita como proposta de dissertação, faz parte do Programa de Pós-graduação em Artes, da Universidade Federal de Pelotas. Ela está vinculada ao projeto de pesquisa intitulado: Mediação cultural, educação estética e processos educacionais em arte, juntamente com o grupo de pesquisa Arte e estética na educação (UFPel/FURB), e com apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Esta, se dedica a pensar a potência das experiências de caráter estético para os processos de formação e de subjetivação, que atravessam estudantes – futuros professores – de artes visuais, durante o percurso vivido nos espaços educativos, bem como na universidade.

Tendo como principal objetivo a proposta de um modo autoral de abordar o ensino de arte, a partir de experiências de caráter estético, como mais uma possibilidade de caminhar em direção a uma formação estética e crítica, fugindo dos modelos pré estabelecidos que permeiam este mesmo ambiente.

Busco a partir da A/R/Tografia, propor um conceito chamado “Profartistar”, pensando em uma docência que transforma o espaço da sala de aula em um espaço do acontecer, em um espaço onde seja valorizada a vida, a arte, a educação, o sensível, e não só o inteligível. Um “Profartistar” que seja como uma obra de arte, que proporcione experiências, nos forme e nos transforme, que seja resistência e re-existência diante dos pensamentos já enraizados na sociedade.

Por meio da a/r/tografia comecei a me perceber não só como pesquisadora e professora, mas também como artista. O processo me fez experimentar e vivenciar novas experiências em/com arte, e então nasceu uma artista-pesquisadora-professora. Para Irwin a “A A/R/Tografia é uma Pesquisa Viva, um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais. Neste sentido, o sujeito e a forma da investigação estão em um estado constante de tornar-se” (IRWIN, 2013, p. 28). O A/R/Tógrafo (artista-pesquisador-professor) comprehende e reconhece que arte, pesquisa e ensino são vividos e não apenas executados. A pesquisa está viva em meu corpo, ela inscreve marcas e deixa rastros. Ela se forma e se transforma assim como também nos forma e nos transforma como sujeitos.

Penso esta escrita e essa pesquisa como uma criação que vai adquirindo forma na sua própria escrita, no próprio caminhar. Penso essa pesquisa como uma construção que vai se fazendo aos poucos, pedacinho por pedacinho, algo que me lembra muito a arte do mosaico. Uma arte em que devemos ter atenção com cada fragmento, com cada pecinha que vai se encaixando para formar a composição desejada, algo que vai sendo construído aos poucos. A partir da arte do mosaico, então, é como penso metaforicamente esta pesquisa. Ao me reconhecer como a/r/tógrafa senti a necessidade de criar meu próprio mosaico de azulejos e também de espelhos, minha própria produção, algo que irá metaforizar a ideia de um conhecimento que vai acontecendo aula por aula, que vai sendo tecido e construído a cada encontro, um conhecimento que se desdobra sobre a vida e sobre as esferas que a ela pertencem. Assim penso a educação por meio da arte, onde em

sala de aula cada um de nós é um mundo, com diferentes experiências e vivências que estão inscritas em nossos corpos. Uma educação que vai sendo tecida, que vai sendo construída coletivamente. De acordo com Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (1996, p. 21). Freire salienta sobre criar possibilidades para a produção e a construção de um conhecimento que deve ser partilhado entre docente e discentes, um conhecimento que se dá no processo, no encontro com os diferentes saberes que compõem a sala de aula.

A partir daí foram preparadas aulas para a disciplina de Fundamentos do Ensino das Artes Visuais, pensando em proporcionar experiências e vivências que fizessem sentir e também fizessem sentido para os estudantes do primeiro semestre da graduação do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. A disciplina tem um encontro de uma hora e meia com as turmas (2) uma vez por semana. São turmas grandes que totalizam 52 alunos.

Já no primeiro dia pude perceber que o tempo da aula era curto, pensando na ideia de da aula ser dividida em três momentos que se conectam: (1) Momento de escutar, trocar; (2) Momento de criar, experienciar, vivenciar; (3) Momento de discutir, de trocar. Esses momentos são baseados na ideia da proposta metodológica que também trago nesta pesquisa. Uma proposta ancorada em três tesselas<sup>1</sup> que se complementam: (1) Corpos em processo de formação; (2) Formação sensível de professores em artes visuais; (3) Aulas potência, experiências estéticas (experimentar, vivenciar). O foco principal desta escrita é na aula prática, na vivência, na experiência.

No primeiro dia em que ministrei a disciplina entreguei aos alunos diários de bordo artesanais confeccionados por mim. A proposta é que eles pudessem utilizar esses diários para fazer desenhos, anotações, atravessamentos e conexões (entre outras intervenções como colagem ou frottage<sup>2</sup>, por exemplo) a partir das aulas, dos conteúdos e das experiências que vivenciamos, que eles registrassem aquilo que julgassem importante para seus próprios processos de formação como professores em artes visuais.

Neste primeiro encontro o tema foi apresentar o processo de escrita desta pesquisa o e processo criativo da produção artística desenvolvida, com objetivo de sensibilizar os alunos quanto à docência, à arte e ao fazer artístico, a partir do contato com esta produção. No segundo encontro o tema foi a importância da arte e da experiência estética para a formação de professores, com objetivo de vivenciar a construção de um mosaico em grupos, pensando na experiência artística, estética e pedagógica.

Após a experiência do estágio docente, pude perceber que as aulas mais significativas e que fizeram mais sentido para eles foram aquelas as quais tivemos alguma atividade prática, atravessada por uma aula expositivo-dialogada, onde eles pudessem escutar, colaborar com a aula a partir de suas próprias experiências de vida e que então logo depois, fosse possível uma experiência/vivência que os marcassem, os formassem e os transformassem (ou não). Assim como nos diz Duarte Júnior:

---

<sup>1</sup> Tessela: Pequeno cubo ou peça de mosaico. Fonte: <https://www.dicio.com.br/tessela/> .

<sup>2</sup> Frottage: é uma técnica artística que consiste em colocar uma folha de papel sobre um objeto texturizado. Depois, com um lápis, esfrega-se sobre o papel para obter as texturas da superfície. Esta técnica foi concebida por Max Ernst por volta de 1925.

Fonte: <https://totenart.pt/blog/noticias/tecnica-do-frottage> .

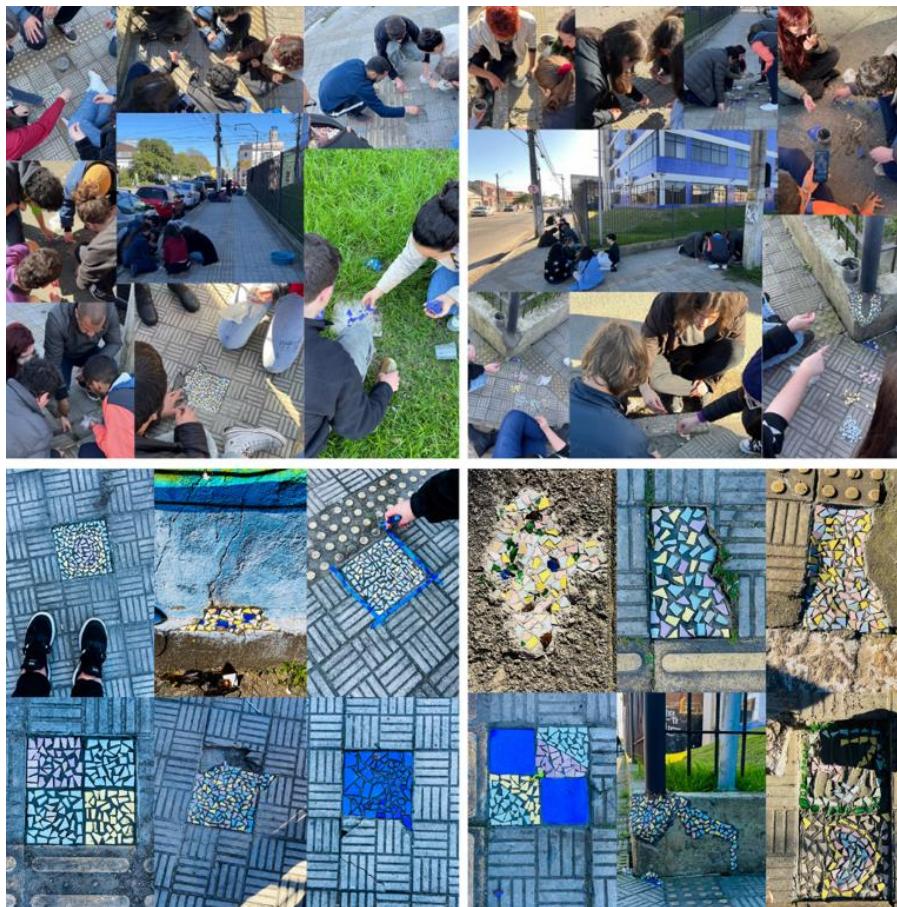
[...] a arte pode consistir num precioso instrumento para a educação do sensível, levando-nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, como também desenvolvendo e acurando os nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida (2004, pp. 25-26).

A atividade prática foi desenvolvida por meio da arte, de uma educação sensível, sendo algo que atravessa diretamente a minha pesquisa e a minha produção como artista. Foi proposto a construção de um mosaico coletivo nas calçadas que envolvem o campus do Centro de Artes da UFPel.

No dia da atividade pedi que eles se dividissem em grupos de 5 ou 6 pessoas. Logo após preparei o cimento, distribuí os azulejos quebrados (tesselas), potinhos e colheres para que eles pudessem espalhar o cimento. Expliquei a técnica e como o cimento se comportava, dependendo do lugar a ser escolhido. Pedi que eles procurassem uma rachadura, um entre, e que então neste “entre” criassem os seus mosaicos, pensando na ideia daquilo que está entre a universidade e a vida, entre a educação e a arte, entre ser professor e aluno.

Pude perceber que os alunos estavam envolvidos nos trabalhos, mas também socializando em grupos, algo que eles ainda não tinham experimentado pelos relatos deixados nos diários de bordo das turmas. O envolvimento com o trabalho foi tanto que eles buscaram materiais alternativos para complementarem seus mosaicos (vidros, pedrinhas e outros azulejos encontrados ao entorno), ou então para construção de outros novos mosaicos. Enquanto eles construíam eu observava e os ajudava a espalhar o cimento, pois dependendo do lugar escolhido era um pouco mais difícil de acimentar.

Ao final da atividade olhamos todos os mosaicos, e um dos alunos brincou dizendo que era a nossa “Calçada da Fama”, o que gerou sentimento de pertencimento dos estudantes para com a universidade. Deixaram seus trabalhos na calçada, como marcas, como pedacinhos de vida que ali se encontravam. Voltamos para a sala e conversamos sobre a experiência. Ela despertou envolvimento, memórias, afetos, fez com que eles percebessem seus corpos cansados por estarem em posições não tão confortáveis, mas ainda assim envolvidos com toda atenção no processo. As duas turmas relataram que a experiência foi incrível e fizeram diversas conexões entre educação, arte e vida. Foi um momento de muito aprendizado e muitas trocas, a partir de uma prática simples, porém cheia de sentido e significados. Abaixo podemos ver alguns registros deste dia e desta atividade que mesmo simples, tornou-se potente e significativa para os estudantes.



Vivenciando Mosaicos. Imagem autoral, 2024.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir dessas vivencias e experiências, pude perceber como as atividades práticas fazem muito mais sentido para os estudantes quando apoiadas em conteúdos voltados para o ensino das artes visuais, da formação docente, mas não apenas expor estes conteúdos de maneira automática, e sim fazendo conexões com nossa vida, e com as esferas pertencentes a ela. A partir dos diários de bordo das turmas, também percebi que a aula mais significativa para eles foi a aula prática. Os relatos, as impressões e expressões sobre este dia contaminaram praticamente todos os diários que me foram entregues. A atividade apoiada em um processo de formação profartista, realmente despertou experiências estéticas, memórias, afetos e criticidade sobre a própria formação docente, indo de encontro com a arte, com o sensível e com outras esferas de nossas vidas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Belidson e IRWIN, Rita (Orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia.** Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013.

DUARTE JR, João-Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** 3. ed. Curitiba: Criar, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, Paz e Terra, 1996.